

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Canção da Liberdade

Marnylton Cabral
marnylton.santos@gmail.com

Acordei em um novo mundo. Algo tinha mudado drasticamente. Pelas ruas, altíssimas fogueiras ardentes. Caminhei entre elas com atenção e sobressalto. A sobrevivência atroz tinha mudado tudo.

Cheguei ao Grande Lago das Lágrimas. Um grupo numeroso de mulheres chorava copiosamente e o enchia de preces e lamentações. Ao longe, vi uma cavalaria com roupas militares; afinando a visão, percebi: *drag queens*. Cavalaria montada.

Continuei caminhando e ouvindo cânticos: uma liturgia para uma Deusa, a qual ainda não sei o nome. E, ao longo das avenidas, erguiam-se enormes estandartes com rostos políticos. Presidências. Todas, irrevogavelmente, mulheres: indígenas, negras, brancas... Um grupo de mulheres passou por mim com soberania; não me olharam, seguiam um caminho sem interrupção.

De tanto caminhar, cheguei a uma escola. As salas de aula abertas e

professoras ensinando história, literatura e outras ciências eram travestis. As travestis eram professoras.

Eu mudava de um lugar a outro sem me dar conta, sem perceber o tempo, sem entender como meus pés me levavam. Vez ou outra via um rosto, que sempre mudava, ora indígena, ora negra, ora branca. Sorriam.

De repente, estava deitado no colo de minha mãe, que cantava uma canção de beira de rio e, entre uma estrofe e outra, me contava como o mundo estava bonito. Pedi-me para ir ao culto da Deusa, sempre na alvorada e no crepúsculo.

Tentei perguntar onde estavam os outros, onde estava meu pai, e, antes mesmo de dizer, ela disse suavemente: — Ele não suportou esse lugar e partiu.

Tentei cantar com ela. Tentei lembrar da canção. A Canção da Liberdade era longa demais, para decorar em tão pouco tempo; eram muitos tempos dentro de um tempo, e eu ali, sobressaltado. Perguntei se poderia ficar ali. Ela disse que em outro tempo. Pedi-me para cantar a Canção da Liberdade.

O desafio de contratar pessoas

Flávia Chagas
psiftaviachagas@gmail.com

Uma queixa tem se tornado comum entre profissionais de Recursos Humanos: contratar pessoas está cada vez mais difícil. Curiosamente, não apenas pela falta de candidatos. Muitas vagas recebem currículos, mas parte deles não responde aos contatos, não conclui as etapas do processo seletivo ou simplesmente não comparecem às entrevistas marcadas, sem qualquer aviso.

Esse comportamento chama atenção porque, durante décadas, a relação com o trabalho seguiu outra lógica. Para gerações como os *Baby Boomers* e parte da Geração X, o emprego representava, principalmente, estabilidade.

A geração seguinte, os Millennials, já começou a questionar esse modelo. Passaram a buscar mais propósito, desenvolvimento e qualidade de vida, ainda mantendo forte compromisso com a carreira.

Já a Geração Z, apresenta outra dinâmica. Cresceu em um ambiente digital, com

acesso rápido à informação e maior liberdade para questionar modelos tradicionais de trabalho. Muitos desses jovens presenciaram os pais enfrentando rotinas exaustivas, estresse e pouca valorização profissional. Isso contribuiu para uma relação mais cautelosa com o trabalho.

Ao mesmo tempo, profissionais de RH relatam outra dificuldade: muitos candidatos chegam aos processos seletivos sem preparo. Jovens que não sabem estruturar um currículo, demonstram pouca atenção à postura profissional ou não se preparam adequadamente para entrevistas.

Um episódio recente nas redes sociais ilustra esse cenário. Uma candidata afirmou ter sido reprovada por usar uma calça jeans rasgada em uma entrevista dividiu opiniões.

O mercado mudou, as profissões mudaram e os profissionais também. As empresas precisam rever práticas, ambientes e lideranças. Mas os candidatos também enfrentam um desafio importante: desenvolver preparo, responsabilidade e profissionalismo, características que continuam sendo decisivas em qualquer geração.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Poema deixado de lado

Pablo Santos Ferreira
Estagiário de Jornalismo do Theatro José de Alencar

Achei teu colar perdido comigo
Assim como a blusa que se foi
Perdida comigo
Naquela viagem que bem te disse
Que bem te quis
E que te quero esperar
Voas como um pavão
É mistério na queda
E pousa como uma fênix
Se revitalizando pelas ruas
Belas são suas artes
E o seu acordar matinal
Caminho em grandes passos
Dialogo contigo e penso em nós
Enquanto existirmos
Pensarei em nós
Nesses verdes pastos
Nessas noites escuras
Mas nas praias desesperadas
Por um amor de verão
Por uma chance então
Deixo em silêncio o esquecido
Passo sempre despercebido
Com nossos fatos e segredos
Também talvez esquecidos
Mas que sempre estariam guardados
Comigo
Espero que contigo
Esteja o sentir da pele
O beijo partido
E o suor escondido
O livro deixado contigo
O que se foi de mim
E que ficou contigo
Nesse balé meu e seu
Entre todas as idealizações
E no carnaval aguardado
Fica comigo e contigo
O que se foi
O que se é
E o que virar a acontecer
No próximo verão
Que talvez
Que bem que Deus queira
Que eu passe mais dias
Ao teu lado e contigo.



Oh, sertão!

João Teles de Aguiar
Professor

No sertão vi capoeira
Cheia de milho e feijão
Eu botei milho de molho
Dei comida a barbatão
Vi muita mulher bonita
De entortar um cidadão!
Vi mulher toda valente
Bater em cabra safado
Fazê-lo dançar baião
Num terreiro desenhado
Com a ponta de uma faca
De saio bem rodado!

Eu vi um rádio de pilha
Bem fanhoso, lembro bem
Tocar música de Luiz
Parecia do além
E uma velha
Rebolando - e muito bem!
Vi luta de cabra macho
Plantando tudo de bom
Vi muito maxixe azedo
Na boca fazendo som
E o banguela se queimando
Com a língua fora do tom!

Apenas sentir

Rachel Macedo
Professora

Não te conheço.
Nunca tive o prazer
do teu toque,
apenas o prazer
da minha vontade
e da imaginação.
Teu beijo é macio?
Apressado?
Tua voz é gostosa de ouvir,
mesmo que da tua boca
nunca tenha saído

uma palavra de reciprocidade.
Não importa.
A vontade que tenho,
o carinho que sinto,
posso guardar para mim:
não preciso realizar.
Ah, claro que queria.
A mais pura idealização do
desconhecido
pode ser
apenas sentir.

Amor combina com excessos?

Ana Cristina Cunha da Silva
Pós doutora em linguística aplicada,
professora associada da Unilab

A pergunta parece quase retórica. Em geral, o amor costuma ser associado à intensidade, à urgência, àquilo que transborda e escapa às medidas ordinárias da vida cotidiana. Amar seria exceder, transbordar, ultrapassar todos os limites. No entanto, uma observação mais atenta das dinâmicas relacionais revela uma coisa importante: nem todo excesso é expressão de amor. Em muitos casos, ele se configura como um deslocamento — uma forma de ansiedade que se reveste de cuidado; uma tentativa de controle que se apresenta sob a aparência de zelo. No início, a intensidade pode operar como elemento agregador. Há troca, curiosidade, e investimento mútuo. O outro se torna objeto de interesse legítimo e a presença frequente parece sinalizar envolvimento e disponibilidade afetiva. Contudo, à medida que o vínculo se consolida, esse mesmo movimento pode sofrer uma transformação. O que antes era cuidado passa a assumir a forma de orientação; a orientação desliza para a correção; e a correção se converte em cobrança. Nesse processo, instaura-se uma assimetria sutil: um dos amantes passa a ocupar a posição de quem sabe, avalia e intervém, enquanto o outro é colocado — ainda que implicitamente — no lugar de quem deve se ajustar, se adequar. É nesse ponto que o excesso de cuidados deixa de ser apenas intensidade e passa a produzir efeitos de desgaste. O corpo percebe antes da consciência: uma leve tensão na comunicação, uma diminuição do entusiasmo, um cansaço difuso que não se explica inteiramente. Talvez seja necessário, então, deslocar a questão inicial. Não se trata de negar a intensidade como dimensão possível do amor, mas de interrogá-la em seus limites. O amor não se define pelo quanto transborda, mas pelo quanto permite existir de bom em cada um. Amar deveria ser presença sem invasão, cuidado sem controle, e proximidade sem anulação. Porque, no limite, o que se busca em uma relação não é apenas sentir intensamente, mas um equilíbrio de emoções para poder habitar esse sentir sem trair a nossa essência.